

UTOPIAS FANTÁSTICAS CARACTERÍSTICAS GERAIS DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Cristina Martinho
cristina.martinho@uss.br
Lincoln Fidelis
lincoln.af@hotmail.com

Muitas pessoas fazem uma ideia bastante errônea e depreciativa a respeito da ficção científica, muitas vezes ligando-a ao sexo ou a especulações preconceituosas. Assim, humilha uma literatura de enorme importância, cheia de textos múltiplos, uma literatura muito interessada no homem e sua tecnologia, no homem e no universo. Ao pensarmos em tecnologia, estamos nos referindo a tudo que, de alguma forma, pode mudar a realidade da vida do homem, seu cotidiano, e com essa possibilidade abrimos as nossas mentes para a criatividade, imaginamos o irreal, que futuramente acaba por tornando-se realidade. A ficção científica é uma literatura de mudança e futuro.

A ficção científica é um subgênero literário da ficção em prosa, uma vez que a maioria das histórias são contos ou romances semelhantes a outros contos e romances de outros estilos. As narrativas quase sempre propõem uma mudança para a humanidade, e como consequência das alterações do dia a dia, oferecem uma conclusão ou uma nova perspectiva.

Assim como as outras obras de ficção em prosa, a ficção científica também apresenta um narrador, personagens, enredo, trama, estilo, cenário e um tema, sugere uma interpretação da vivência do homem e de sua natureza, estabelece uma ponte com o mundo a sua volta. Os temas são construídos da mesma maneira que os demais tipos de ficção, sendo o produto final a mistura dos elementos que compõem a ficção.

L. David Allen e Raul Fiker, dois estudiosos de ficção científica, articulam alguns pontos importantes. A tecnologia e as ciências se manifestam com uma visão muito particular ao abordar os inventos e experimentos na ficção. O ponto responsável pela distinção desse subgênero, assim como a própria nomenclatura informa, é a relação entre a ficção e a ciência. Contudo, para que uma obra seja ca-

racterizada como ficção científica, a ciência apresentada na história deve estar completamente à frente de seu tempo e extrapolar os dados da realidade atual. Ao mesmo tempo deve se distanciar do tempo científico e tecnológico presente e procura embasar as suas projeções em um desenvolvimento racional, diretamente voltado e fundamentado na ciência, e ainda que longínquo, possível de se tornar real, Allen (1973, p. 211) e Fiker (1985, p. 17).

A natureza é a grande responsável por aprisionar o homem ao limite, esse fato gera no ser humano uma crescente vontade de superar as barreiras e dificuldades pré-determinadas, a ideia de romper com as amarras do natural é muito bem representada pela ficção científica. Até o desenvolvimento das ciências, o sobrenatural, o esoterismo, a fantasia, a religiosidade, ou seja, o desconhecido são as fontes usadas pelo o homem para extravasar seus desejos, para expressar seu imaginário.

Os textos de ficção científica aos poucos vão mudando e se adaptando ao desenvolvimento intelectual, ao crescimento da ciência, e ao aperfeiçoamento da técnica, ou seja, a linguagem dessa literatura se modifica para entrar em sintonia com a modernidade. Justamente por terem acompanhado a inovação científica dos tempos, o *Golem* (século XVII) e *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, com aproximadamente dois séculos de diferença, perduram com estrondoso sucesso até os dias de hoje. Os diversos campos do conhecimento se expandem, levando o homem a pensar de maneira diferenciada, fazendo-o imaginar de forma racional, tudo isso ocasionou uma inovação no modo de expressar os grandes e poderosos feitos dos heróis, contudo, continuou simplesmente o mesmo cerne do gênero, de acordo com Marcella Giglioli Stoppa Baldessin (2006, p. 8-13).

Uma coisa é certa: a ciência – ou seja lá o que for que se faça passar como tal sendo expresso no jargão “científico” – deve estar de alguma forma presente numa narrativa desse tipo. Essa presença pode ser muitas vezes equivocadamente restrita às ciências naturais, de preferência físico-matemáticas, embora qualquer ciência dita “humana” – como a sociologia ou a linguística – possa servir de base a uma história de ficção científica, Fiker (1985, p. 17).

As categorias também estão presentes no mundo da ficção científica, ajudam a entender melhor as peculiaridades de cada tema e

dos assuntos abordados. As narrativas que exploram química, física, biologia, astronomia, geologia, e a matemática, assim como a tecnologia a elas associada são nomeadas ficção científica Hard, um bom exemplo é a série *Lucky Star* de Asimov, ficção científica Soft é a ramificação voltada para os temas da área de ciências humanas, tais como: sociologia, psicologia, antropologia, ciência política, historiografia, teologia, linguística e algumas abordagens do mito, *Rite of Passage* de Alexei Panshin, possui elementos dessa categoria.

Outra importante categoria narrativa é nomeada Fantasia Científica, pois aponta os conhecimentos sobre o universo subjogado ao controle das leis naturais constantes e oferece a ideia de essas leis serem diferentes das conhecidas no tempo atual, assim, supõe haver muito ainda a ser descoberto sobre o assunto: questões relativas à parapsicologia, em especial os ramos pertinentes à telepatia e à magia. Uma característica dessa categoria é a presença da espada e da magia, uma vez que estabelece uma ponte com a aventura, na qual o uso de espadas e outras armas “primitivas” em lugar das modernas, requeira a cultura, de acordo com Allen (1973, p. 8-13).

Segundo o autor de No Mundo da ficção científica, a categoria fantasia ou fantasia contracientífica é um tanto quanto controversa. A ligação ou fundamentação com a ciência para construir suas histórias é mínima: funciona apenas como pano de fundo para o desenvolvimento da trama. Nessa classe, percebe-se uma semelhança superficial com as outras categorias, embora todas nos ajudem a compreender as diversidades relacionadas, nenhuma delas dá conta de classificar com exatidão, porque as obras literárias e as produções artísticas não estão presas a regras e aos limites teóricos:

Embora realmente não demonstre coisa alguma e embora haja tantos perigos quantas vantagens em fazer classificações, algumas vezes é útil ter alguns tipos de categorias e subcategorias para nos ajudar a classificar as coisas. É importante lembrar que qualquer rótulo enfatiza um único aspecto de uma obra e negligencia todo o resto do trabalho; consequentemente, se tal rotulação torna-se mais um fim em si própria do que uma conveniência momentânea, a qualidade e o mérito da obra literária são virtualmente destruídos. Além disso; muitas classificações não tomam conhecimento de gradações em importância, deixando pouco espaço para uma obra que não é puramente nem uma coisa nem outra – e a maioria das obras literárias, ou qualquer outra coisa deste gênero, não são de modo algum puras. Finalmente, qualquer classificação pode ser discutida e

rejeitada por qualquer pessoa com um diferente ponto de vista, (ALLEN 1973, p. 19).

A ficção científica revela uma questão de singular importância que circula o gênero: o contraste entre a limitação humana e o poder. Se o homem avança em conhecimentos científicos, conquistas territoriais, devido às navegações, e na exploração de suas potencialidades, quanto mais em seu imaginário, em idealizar seus sonhos e o que mais queria tornar realidade.

Baldessin (2006, p. 8) ressalta que antes das futuras superações, o homem já havia imaginado vencer a gravidade, flutuando em tapetes ou mesmo partindo em foguetes, mesmo sem nenhuma lógica racional que permitisse tais eventos. Quando isso se tornou intelectualmente possível, ou seja, quando a ciência possibilitou ao homem provar cientificamente suas idealizações, houve um enorme crescimento da vontade de dominar a natureza e transpor os limites impostos por ela. Na belíssima história de Mary Shelley, um doutor-cientista, fundamentando em seus estudos e experiências científicas, dá vida ao seu monstro, essa ficção é a prova clara que o homem buscava superar o natural e ser semelhante a Deus em tudo poder.

Os textos de ficção científica, assim como nas outras ficções, apresentam as questões da ética, da moral, dos valores e dos princípios. Procuram exaltar as posturas do ser humano diante da evolução tecnológica e científica. Essa evolução traz ao homem uma estrondosa consciência de poder, de realizar, e consequentemente, de controlar e de tudo dominar. Devido a esse pensamento, com bastante frequência, encontramos as catástrofes coletivas nos textos de ficção científica, porque na grande maioria dessas obras literárias, o que deveria ser um benefício à humanidade, acaba sendo o veículo da destruição pela falta de controle e bom senso do homem, pela ausência de valores éticos e dos princípios básicos para que a sociedade possa permanecer e seguir em frente.

Esse subgênero da ficção, a quebra do elo entre o homem e o sagrado, da harmonia natural, da normalidade, da vida cotidiana e a falta dos limites naturais ocasionam a inversão dos valores. Esta é outra forte característica dos textos de ficção científica. Fiker (1985, p. 10) apresenta uma série de elementos fundamentais presentes na grande maioria das obras de ficção científica: objetos voadores não

identificados, alienígenas, pistolas laser, cientistas loucos, viagens no tempo e no espaço, andróides, robos, naves estelares, inventos, transmutadores de matéria, impérios galácticos, exploração e colonização de outros mundos, guerras e armamentos fantásticos, cataclismas e apocalipses, tecnologias, culturas, supercomputadores, poderes extrassensoriais e as utopias e distopias, como veremos a seguir.

1. Utopias e ficção científica

A conquista de cada vez mais espaço nos grandes meios de comunicação em massa, prova a exatidão da ficção científica em expressar as expectativas do homem com relação ao futuro da sociedade, do planeta, do universo e dos avanços tecnológicos. Linguagem proteiforme, com múltiplos avatares, a ficção científica marca de maneira indelével a história cultural e social do século XX. A narrativa fantástica encontra um campo riquíssimo de possibilidades nas ficções que envolvem os campos da ciência e da tecnologia, uma vez que a realidade humana é polifacetada. As interações entre ciência, tecnologia futurista e sociedade revelam a nossa sede de realizar o impossível para os dias de hoje, porém realizável para os dias de amanhã, além de comprovar, pelo sucesso do cinema, o inconsciente coletivo do homem enquanto desbravador de si próprio e do universo.

A técnica e a ciência se aprimoram e se tornam o grande referencial do homem. Posteriormente, a técnica e a ciência transformam-se em forte ponto de apoio para as realizações humanas, as quais se distanciam da noção da ética: criam vidas artificiais, sociedades catastróficas, mundos hostis em prol do conhecimento, e do “poder de fazer”. Nas primeiras produções populares do gênero, as grandes descobertas e invenções eram assunto central. Quando a técnica e a ciência passaram a fazer parte do senso comum, o comportamento antiético encorpeu as discussões acerca do gênero, (BALDESSIN, 2004, p. 11).

Sem capacidade de transformar em realidade as suas aspirações, o homem se afasta do sagrado e fundamenta-se na ciência para suas realizações, automaticamente, reconhece no conhecimento a força do poder, do tornar realidade. Ao esquecer a religião e deixar de lado a noção humanista, o ser humano acaba vivendo com uma sensação de isolamento. Nesse contexto, o homem cada vez mais egoísta e individualista, abandona os valores morais e sociais em sua

sede de poder, de superação dos limites humanos, isto o leva a agir em benefícios próprios, sem considerar o direito coletivo. Normalmente, a ficção científica acaba por revelar um anti-herói, devido ao desvio de comportamento do homem em sua relação com o poder.

Fundamentada na interação entre o pensamento universal de progresso e o entendimento histórico que compreende o futuro sobre o total controle do homem em um constante processo, a utopia liberal-humanitária se revela como uma concepção racionalista, e mesmo alicerçada em um pensamento renascentista, se expressa de maneira contraditória.

A natureza abstrata da utopia racional contradiz o intenso impulso emocional de uma fé quiliástica sensorialmente alerta ao presente completo e imediato. Assim, a mentalidade utópica racional, apesar de muitas vezes nascida da mentalidade quiliástica, pode inadvertidamente se tornar a sua primeira antagonista, Karl Mannheim (1968, *apud*, PHILADELPHO MENEZES 2000, p. 243).

Os assuntos mais comuns nas tramas que envolvem a ciência são muito amplos: Capacidades telepáticas, viagens no tempo para mudar o rumo da história, o sonho da invisibilidade e poder fazer o que bem quiser e não ser visto por ninguém, antigravidade responsável por revelar o espaço e não mais prender o homem ao chão, transmissores de matéria apontando para a intenção de facilitar a vida do homem e diminuir as distâncias – tudo isso articula a busca maior do ser humano: vencer a morte, viver para sempre. Talvez esse seja o maior e mais comum sonho da humanidade, assinala Fiker (1985, p. 19).

Segundo Cristina Maria Teixeira Martinho (2002, p.35), o resultado ou a conclusão do desenvolvimento das ciências e tecnologias é a principal referência das utopias e antiopias desde a segunda metade do século XIX. Grandes invenções como a máquina a vapor e o advento da energia elétrica transformaram a ideia de mundo. As novas tecnologias industriais modificaram as estruturas de trabalho, implantando grandes mudanças na vida cotidiana. Dessa maneira, o surgimento de uma invenção ou descoberta passou a alcançar as grandes massas em bem menos tempo. Enfim, tudo isso fez com que o homem e as inovações tecnológicas e científicas estivessem mais próximos.

Conforme a mesma autora (*id.*, *ibid.*), as conquistas possibilitadas pela ciência deveriam trazer equilíbrio e múltiplos benefícios a humanidade, garantir paz e padronização da vida em todas as esferas. Contudo, os resultados desses avanços provaram o contrário, mostraram que as argumentações ideológicas somente potencializaram o caos, a miséria e a barbárie. As classes trabalhadoras sem especialização viveram uma enorme preocupação com modernização das indústrias, uma vez que não era dado a elas o tempo necessário para se qualificarem. As mudanças ocorriam em uma velocidade nunca vista até então. As fábricas exigiam cada vez mais qualificação de seus profissionais porque suas máquinas eram modernas e complexas.

O escritor, ao criar uma sociedade futurista, automaticamente baseia-se no presente para desenvolver sua história, parte do ponto de sua realidade, de suas frustrações com o mundo real. Deixado o tempo de lado, a trama ganha movimento longe dos conflitos e das verdades da nossa época, inicia-se um mundo sem passado, sem compromisso como o mundo real. Como na famosa frase de George Lucas da serie *Star Wars*: Há muito, muito tempo atrás... em uma galáxia muito, muito distante!!!

Decorrente de um fundo sentimento de conformismo, da insatisfação ante as falhas do status quo, a ruptura deflagra a visão de uma sociedade ideal, construída com o avesso daquela em que vive o escritor: a perfeição não é deste mundo. Desejar, imaginar, descrever o mundo em que pode ser encontrada- eis a utopia. Com sua vocação universalista e a ambição de edificar nos mínimos detalhes um admirável mundo novo, a imagem e semelhança do mundo real, mas de sinal trocado, Thierry Paquot (1999, P. 68-69, 91 *apud* MASSAUD MOISÉS, 2004, p. 458-459).

Um lugar que não existe, fruto da imaginação por suas perfeições, onde tudo funciona maravilhosamente bem. Criado por Thomas Morus, em 1516, como título de uma importante obra, o termo “utopia” cujo significado lemos anteriormente, foi pensado como um trocadilho para com as palavras “eutopia” (lugar melhor) e “outopia” (lugar nenhum). De acordo com Philadelpho Menezes (2000, p. 39), o homem se tornou autoconfiante por apreender sua própria história e sua capacidade intelectual em realizar e conquistar, quando descobriu suas potencialidades, viu-se como principal elemento ativo do presente e do futuro, virou as costas para o passado, rompeu com o período clássico. ‘O moderno passa a se apoiar no futuro para com-

bater o passado’, o imaginário da sociedade priva do presente a utopia de seu tempo.

John Colin Davis (1985, p.28, 46-49, *apud* MOISÉS, 2004, p. 459 e 460) assevera que “a utopia não é mais que um tipo de uma forma, a sociedade ideal, regida por três princípios: a totalidade da mudança pensada, a sua natureza de sociedade fechada e a ordem ou estabilidade do novo estabelecimento”. As intenções utópicas do homem revelam sua natureza em fazer o bem, mas os fins catastróficos provam a corrupção de seu caráter.

A visão do ideal utópico com relação à evolução e ao desenvolvimento das conquistas tecnológicas é a responsável por trazer um aspecto sombrio, a saber, a distopia, esse termo é o antônimo de utopia, significa, portanto, o pior lugar. A distopia revela o lado negro do progresso. As guerras e a revolta das máquinas são bastante comuns nos textos de ficção científica. As distopias se caracterizam pela falta de controle tecnológico, pelo esgotamento dos recursos naturais e, por fim, com o domínio das máquinas sobre a espécie humana, conforme Fiker (1985, p. 28-29).

As guerras marcam o ápice das distopias nas histórias de ficção científica. Sempre em tempos muitos distantes da contemporaneidade, as guerras de variados tipos acontecem na terra, no espaço, interplanetárias e interestelares. A tecnologia é bem representada por armamentos de destruição em massa, armas químicas e biológicas, canhões de energia, campos de força, raios laser, sabres de luz e pistolas de raios mortíferos; os robôs, droides, clones e alienígenas compõem os exércitos desse contexto futurista, de acordo com o mesmo autor (*id., ibid.*).

O personagem emblemático da ficção científica não deseja o equilíbrio e a organização utópicos, ele quer entranhar-se com o desconhecido, deseja conquistar e dominar a natureza, e por isso, o gênero, mais comumente, reflete a desordem. Este trabalho dá atenção especial à questão da degradação humana, ao pontuar o tema da inteligência artificial. A projeção de um mundo futuro e estéril é o termômetro da realidade, e ao constatar ser a atual sociedade problemática, prevê um futuro decadente e catastrófico, conforme Baldessin (2006, p. 13).

O mundo do futuro criado pelo homem, minuciosamente descrito por esse subgênero literário, apresentou personagens desequilibradas, confusas e extremamente egocêntricas. Capazes das maiores

perversidades para conseguir alcançar o poder absoluto, os protagonistas desse tipo de ficção não estão focados nas melhorias para sua sociedade ou na paz e perfeições exageradamente idealizadas. Na verdade, buscam intimidade com o desconhecido, desejam a natureza subjugada ao seu domínio, procuram brincar de Deus. Devido a esse comportamento tão equivocado, de forma mais frequente, o gênero acaba por revelar o caos e a mais completa destruição. A literatura, como toda arte, é o espelho do imaginário de uma época, retrata o pensamento do homem sobre si próprio e as consequências de seus erros.

Segundo Fiker (1985, p. 5-52), o Império Britânico da rainha Vitória inspirou um autor chamado Robert William Cole a escrever uma histórica onde o sistema de governo da Inglaterra se estende ao espaço sideral, como um Império Galáctico, uma liga ou uma confederação. Embora o tema da organização político-social não esteja tão presente nas *space opera*, sua importância, além de formar uma perigosa parceria com as guerras, está em mostrar uma ficção científica não apenas intencionada em abordar os sonhos tecnológicos e científicos, mas também interessada em detalhar as facetas do ser humano diante do poder e mostrar como podemos fracassar em frente nossas grandiosas habilidades.

2. *Precursores*

Titular o primeiro autor e inspirador de ficção científica não é algo simples de se fazer, existe uma disputa latente nesse ramo da ficção. As opiniões se dividem entre os críticos literários e os leitores desse popular subgênero que alcançou os cinemas de todo o mundo. Segundo Baldessin (2006, p. 6), Júlio Verne (1828-1905) é reconhecido como o pai da ficção científica, contudo, acredita ser Mary Shelley, ao revelar ao mundo sua mais que rica obra *Frankenstein* (1818), a merecedora de tal título por introduzir o gênero.

No romance de Mary Shelley, a ética é abordada com maestria por trabalhar a questão do desejo inconsequente do poder e a busca de dominar a natureza, o médico-cientista Victor Frankenstein cria um homem artificial com partes de cadáveres. O dom da vida é dado ao seu monstro por meio de uma engrenagem mesclada aos rai-

os. Alguns críticos classificam essa obra como um romance gótico ou de terror, uma vez que tudo que se remete ao grotesco e assim nomeado, um termo anterior a ficção científica, conforme a mesma autora (*id., ibid.*, p. 6-7).

Não seria sensato desconsiderar a contribuição de Júlio Verne, um autor mundialmente reconhecido, para as obras posteriores inspiradas por seus livros. Com certeza, o romance *20.000 Léguas Submarinas* é a obra mais famosa. Por causa do cuidado de registrar em seus romances apenas fatos possíveis de serem provados pelo conhecimento científico de sua época, muitos dados desse autor foram aceitos como fatos científicos em 1870. Para Allen (1973, p.30), Verne é o primeiro a praticar a ficção científica *Hard* Extrapolativa.

Outro romance significativo nesse tipo de ficção é *A Máquina do Tempo* (1895) de H. G. Wells (1866-1946), o primeiro e um dos melhores registros desse conceituado autor. Nesse trabalho, as características principais são a exploração de conclusões das inclinações da estrutura social da época, a intenção do autor era abordar a sociologia extrapolada, conseguiu se diferenciar do que Verne tinha cristalizado até então e lançou-se como o primeiro a escrever sobre a ficção científica *Soft* Extrapolativa, aponta o mesmo autor (*id., ibid.*).

Para Martinho (2002, p.33), Wells é mais abrangente literalmente que Verne por explorar as características e os temas mais recorrentes desse subgênero: viagens no tempo, ideias futuristas, invasões alienígenas, e etc. A principal distinção entre esses grandes autores é que Wells fundamenta sua obra literária na mais completa e perfeita verossimilhança, produzindo uma literatura acessível e de baixo custo. Dessa maneira, possibilita seu consumo em plena revolução industrial pelos menos favorecidos.

Enquanto Verne se aproxima das classes mais prósperas, em especial, dos jovens das altas classes presos as impressionantes invenções, Wells cria uma visão distópica desse processo de progresso e evolução. Esclarece que o desenvolvimento científico e tecnológico age contraditoriamente ao homem e mostra também as intenções distorcidas dos homens da ciência quanto às expectativas, benefícios e malefícios desse futuro tão idealizado. A literatura de Wells fez com que os operários se identificassem com as distopias sociais do autor, afirma Martinho (2002, p. 33-34).

A antiga batalha entre o bem e o mal não poderia estar de fora nesse tipo de literatura, o autor para esse tema, Abrash Merritt, em boa parte de sua obra mostra seu interesse nesse conflito eterno. De um lado muito bem definido está a luz, e do outro lado as trevas; as personagens maléficas são absolutamente desprezíveis, enquanto as personagens que representam o bem despertam nosso mais sincero respeito. Essa colocação nas obras literárias formou conceitos e comportamentos durante séculos. Considerado o primeiro autor a escrever sobre a fantasia científica por estabelecer uma ponte científica de causas e efeitos descobríveis, suas principais obras são *The Moon Pool* e *Conjure Wife*, o elemento da ciência está presente assim como a semelhança de atitude e intenção do autor, de conformidade com Allen (1973, p. 31-32).

Fiker explicita alguns temas fundamentais:

A ficção científica (também conhecida pelo nome igualmente infeliz de “literatura de antecipação”) está na ordem do dia, formigando por tudo quanto é obra e aresta da indústria cultural: ela ocupa seguramente, a maior e melhor parte do se publica hoje em histórias em quadrinhos; a produção de desenhos animados praticamente não escapa do gênero; e alguns dos filmes com as maiores bilheterias dos últimos anos (e de todos os tempos) são de ficção científica. [...] Uma boa parte dos roteiros dos filmes de ficção científica são, quando não adaptações de novelas – *Vampiros de Almas*, de Jack Finney, *O Planeta dos Macacos*, de Pierre Boule, *A Aldeia dos Malditos*, de John Wyndham – criações de conhecidos autores do gênero – 2001, *Uma Odisseia no Espaço*, de Arthur C. Clark, *O Incrível Homem que Encolheu*, de Richard Matheson. O mesmo ocorre também com os desenhos animados, como *O Planeta Selvagem*, de Stefan Wull, (1985, p. 5 e 6).

Ao estudarmos as obras de grandes e marcantes escritores desse subgênero literário, descobrimos as fontes de onde o cinema bebeu para conquistar as multidões de todo mundo. Alguns filmes foram totalmente inspirados em grandes romances, como *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley; *Eu, Robô* (1950) de Isaac Asimov; *Viaagem ao Centro da Terra* (1864) de Júlio Verne; Outros inspiraram grandes filmes como: *Super Brinquedos duram o Verão Todo* (1982) de Brian Aldiss, que originou o filme *Inteligência Artificial*; *2001: Uma Odisseia no Espaço* e muitas outras obras importantes contribuindo para o sucesso do gênero científico no cinema, influenciando as maiores sagas dos nossos dias, *Star Wars* e *StarTrek*. Realmente, a ficção científica veio para ficar, sejamos bem vindos ao futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus, 1973.

BALDESSIN, Marcella Giglioli Stoppa. *A ficção científica como derivação da utopia – A inteligência artificial*. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, 2006.

FIKER, Raul. *Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?* Porto Alegre: L&PM, 1985.

MARTINHO, Cristina Maria Teixeira. *Apostila para curso*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

MENEZES, Philadelpho. *A crise do passado*. São Paulo: Experimento, 2000.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. amp. São Paulo: Cultrix, 2004.